

# CHATEAUBRIAND... HUGO... RIEN... TOUT (UNE RÊVERIE)

Sidney BARBOSA<sup>1</sup>

Márcio Roberto do PRADO<sup>2</sup>

“Eu quero ser Chateaubriand ou nada”. Esta frase, escrita em um caderno por Hugo, quando este contava apenas quinze anos, dá mostras da ambição e do orgulho da “criança sublime” que resume em si parte considerável da História e da Literatura da França e, por sua influência, do mundo. Trata-se do Hugo de *Notre Dame de Paris*, de *Les misérables*, de *La légende des siècles*, dos prefácios explosivos e revolucionários, como o de *Cromwell*, e de verdadeiras batalhas estéticas, como a de *Hernani*. No entanto, não é só isso que encontramos no universo hugoano, pois há também o polemista religioso e político, deputado e *pair de France*, exilado, excomungado, que, apesar de suas contradições e idiossincrasias, reluziu sempre como uma espécie de avatar da liberdade e da arte, espécie de representante oficial e estético dos oprimidos, dos desvalidos, dos **miseráveis**. Ao fim de tão rica existência, temos dificuldade em precisar qual de suas facetas pesa mais: a literária ou a histórica. Entretanto, pouco importa, uma vez que, em gênios da estatura de Hugo, o literário e o histórico parecem, por vezes, fundidos no mítico. E isso é o que Hugo, verdadeiramente, sempre foi e é: um mito.

Quando o filho de Sophie Trébuchet e do general Joseph-Léopold-Sigisbert Hugo nasceu, em 1802, ninguém poderia prever, naquela criança franzina que absorvia de tudo um pouco, seu destino ímpar. Ao contrário, seu futuro não se anunciava como dos melhores, uma vez que veio ao mundo no seio de uma família já desunida afetivamente, obrigada a constantes mudanças de cidades e de países em função da ocupação do pai, oficial de Napoleão Bonaparte. Porém, o

---

<sup>1</sup> Departamento de Letras Modernas e Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Universidade Estadual Paulista – 14800-901 – Araraquara – SP.

<sup>2</sup> Doutorando – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Universidade Estadual Paulista – 14800-901 – Araraquara – SP.

que poderia ser para pessoas comuns um problema a resolver, para o menino extraordinário esses deslocamentos no espaço foram magia e encantamento capazes de nutrir sua poderosa imaginação. De Paris e Marselha à Córsega, da Ilha de Elba a Nápoles, passando por Bordeaux e pela Segóvia, cada viagem foi para o jovem Hugo uma odisséia particular em que o imaginário o conduziria, ao término de cada traslado, de volta ao lar, ainda não conhecido da Arte. Neste cenário destaca-se o período passado em Madri, como pajem do rei Joseph Bonaparte. Ernani, as paisagens de oliveiras, a catedral de Burgos, Torquemada, o Cid e tantos outros temas perenes da Espanha, entre outras maravilhas para um jovem poeta, explodiriam mais tarde na forma de obras de arte concretas, como *Hernani* ou *Notre Dame de Paris*. Consolidação do talento precoce que, aos quinze anos, já amealhava diversos prêmios em concursos literários e aos dezessete lhe proporcionaria, pelas suas primeiras poesias, uma pensão vitalícia junto ao rei francês.

Contudo, esta precocidade não se restringia apenas ao campo literário, uma vez que, mal saído da adolescência, casa-se com a também jovem Adèle Foucher, apesar da resistência manifestada por parte das famílias de ambos. Não que esse casamento representasse para ele monogamia, uma vez que as amantes se sucederam durante a longa vida de Hugo. Em meio a tantas, houve até mesmo espaço para uma jovem Juliette Drouet, que se elevou até o inusitado *status* de “segunda esposa”, chegando, no crepúsculo da vida do poeta, a freqüentar sua casa junto de Adèle. Talvez isso possa soar como algo muito conveniente, como cínico subterfúgio de um homem sem caráter que, amparado pela ressalva de seu gênio, pagava o bem de seus entes queridos com infidelidade. Todavia, não é este o caso. Hugo foi sempre extremamente leal às suas mulheres, a cada uma delas, ainda que ao mesmo tempo. Afinal, para um homem tão múltiplo, amar múltiplas pessoas de um modo também múltiplo não constituiu jamais um problema.

Essa bendita inconstância extrapolou a paixão pelas mulheres e atingiu os limites do político. No sombrio ano de 1843, época de publicação de sua epopéia *Les Burgraves* e da morte por afogamento de sua filha Léopoldine, Hugo lança-se na política colocando sua candidatura a deputado. Porém, aqui, também é necessário novamente buscar os reais motivos das ações. Hugo, um dos pais de seu grande pai, o Romantismo, pretendia como todos os românticos, recriar o mundo à sua imagem e semelhança por meio da literatura, rumo a uma realidade que considerasse ideal. No entanto, para um titã do porte de Hugo, somente uma frente de batalha não bastava, de modo que ele também enveredou pela câmara dos deputados, lutando, sempre, agora no **parlamento**, lugar etimológica e afor-

tunadamente reservado para o seu gênio, pela causa dos oprimidos. Para aqueles que possam ver em Hugo muito pouco de “realmente” revolucionário, basta lembrar de sua participação na revolução de 1848, quando chegou até mesmo a lutar nas barricadas, como já havia feito em 1830, sempre pelo seu amado e amante povo. Por particulares que possam parecer seus posicionamentos políticos, vale destacar que Hugo sempre foi fiel a si mesmo e a seu ideal. Assim, o mesmo homem que se encantara, ainda criança, com a grandeza e a imagem de Napoleão I, combateu ferozmente, mais tarde, seu sobrinho, Luís Napoleão. Nada estranho para quem havia saudado a Restauração, de certo modo e durante algum tempo, como a modernidade na literatura. O fato inegável é que, para Hugo, não importava quem estivesse no poder fisicamente, desde que, idealmente, este trono ou essa cadeira presidencial estivesse ocupado pela Liberdade e representasse os interesses de todos os cidadãos.

A firmeza de seus ideais políticos, bem explicitada na alcunha que conferiu ao novo imperador (“Napoleão, o pequeno”), termina por conduzi-lo ao exílio. Porém, para um homem cujo fio fora temperado por viagens a lugares exóticos desde a mais tenra infância, tal golpe jamais poderia ser fatal ou desencorajante. Começa assim uma nova odisséia, primeiro em Jersey, e depois na Ilha de Guernesey, onde se estabeleceu com a esposa, levando a amante Juliette, logo em seguida, e instalando-a em uma casa próxima da sua. Em meio às atribulações, manteve intocável seu orgulho, de modo que sempre se recusou a pedir perdão ou a aceitar clemência. Apesar das saudades da terra natal e do povo que amava tanto e pelo qual era amado, permaneceu firme. Em 1859, o Império oferece-lhe uma anistia, prontamente recusada, uma vez que, segundo o poeta, ele só voltaria quando a liberdade voltasse também. Contudo, o exemplo mais categórico da têmpera de Hugo pode ser encontrado no ano de 1868, quando morre sua amada Adèle. Hugo decide enterrá-la ao lado da filha Léopoldine, em Villequier. Por uma questão de conveniência política, seria fácil, nessas circunstâncias, obter permissão para participar da cerimônia, mas Hugo não se curva, acompanha o corpo da esposa até a fronteira belgo-francesa e de lá retorna para o exílio. Sua decisão política não era forjadora de *coups de théâtre*, mas sincera e sentida. Na introdução de *Os trabalhadores do mar*, publicado em 1866, ele deixa expressa sua conformação de nunca mais voltar à sua França querida, pois afirma na abertura do livro: “Dedico este livro ao rochedo de hospitalidade e de liberdade, a este canto da velha Normandia onde vive o nobre e pequeno povo do mar, à ilha de Guernesey, severa e branda, meu atual asilo, meu provável túmulo.”

Mas o tempo passa para todos e especialmente para os pequenos, tal qual acabou acontecendo ao inimigo de Victor Hugo. Assim é que, após a queda do Segundo Império, ocorrida em 1870, o velho poeta que aspirava ser profeta de um mundo melhor, finalmente pode voltar para casa. Na tumultuada *gare* de Bruxelas, com um tremor e uma emoção que somente sua força titânica consegue esconder, Hugo compra uma passagem de trem, solicitando com voz que mal disfarçava a alegria: “*Un billet à destination de Paris, s’il vous plaît!*”. E aqueles que tiveram o privilégio de acompanhá-lo naquele momento crucial puderam testemunhar um fato raro: ao verem as lágrimas de Hugo diante de uma França da qual se separara havia dezenove anos, descobriram que até os semideuses podem, em certas horas mágicas, chorar.

Não que a vida de Hugo fosse motivo para lágrimas, ao contrário. O mesmo gênio que, antes do exílio, publicara monumentos do porte de *Notre Dame de Paris*, ainda deu ao mundo obras como *Les châtiments*, *Les contemplations*, *La légende des siècles* e *Les misérables*, apenas para ficar com alguns exemplos mais conhecidos de uma produção gigantesca que, se peca pela mesma inconstância que Hugo manifestava no amor ou na política, redime-se na fidelidade a um ideal de liberdade também na arte e glorifica-se em sua dimensão e riqueza prodigiosas. Assim, todas as gerações futuras da poesia tiveram suas rugas com o poeta eterno, mas, inevitavelmente, quando falavam mal de Victor Hugo, ainda assim falavam **de** Victor Hugo – seja Baudelaire, na capital da modernidade, sejam os irmãos Campos, no colonizado Brasil. E ele correspondeu a semelhante ódio apaixonado lutando sua guerra até o fim. Mesmo depois de seu retorno apoteótico para a França, aos sessenta e oito anos, ainda buscou forças para escrever, chegar como deputado eleito à Assembléia Nacional, desistir do posto, fugir da Comuna e, depois, após a derrota da mesma, ajudar *à la* Hugo, os *communards* nos seus inomináveis infortúnios. E se sua imagem evolui do jovem robusto de cabelos longos de gênio rebelde do romantismo para o ancião monumental de barba e cabelos brancos – condizente com sua aspiração de profeta e arauto da liberdade do ser humano – do ocaso de sua vida, ele ainda guardou forças para afastar as cãs, retirar a luva e beijar com volúpia a mão de alguma jovem encantadora. Um homem, um gênio, um deus. Uma celebração da vida em todos os seus aspectos, mesmo os ruins, pois ele sabia, como ninguém, extrair das profundezas da miséria e da fraqueza humanas as forças para lutar e criar, para ser um titã da Literatura e da História, que, conforme já foi dito, encontram-se conjugadas no mito. Em suma, um homem mítico, um tipo de Prometeu moderno a iluminar amoro-

samente nosso caminho pelo seu exemplo incrustado em nossa memória e por sua arte eternizada em seus livros de bronze, grafados com letras de ouro. Diz uma lenda pagã moderna que, em 1885, quando se realizaram os majestosos funerais de Victor-Marie Hugo, o povo, em festa, levou até o Panteão apenas uma imagem do poeta, que não estava mais lá. Neste instante culminante de uma vida exemplar, o verdadeiro Hugo seguia sua vocação genial e voava, infinitamente livre, à procura das estrelas também infinitas...

No fim, o que resta para todos nós, é a imagem de um gigante, em todos os sentidos. Reza ainda a tradição que Hugo, assim como ocorria, às vezes, a Tolstói, acreditava-se imortal. Hoje, quando lembramos do estrondoso sucesso obtido pela adaptação de *Notre Dame de Paris* como *comédie musicale*, campeã de bilheteria e de venda de discos há quase dez anos, ou quando vemos as (infelizmente lastimáveis!) versões do mesmo romance nos desenhos da Disney, ou até (por que não?) quando vemos um personagem atormentado de uma novela da Rede Globo apresentar-se como “Jean Valjean”, e no momento em que nos damos conta de suas profecias sobre uma comunidade de países denominada *Estados Unidos da Europa*, unindo com paz, amizade e com cumplicidade econômica países então inimigos ferrenhos como França e Alemanha (“Os alemães? Vou vencê-los com o amor!”), percebemos que a crença hugoana de imortalidade não existia sem razão. Seja por meio de sua influência na literatura subsequente, chegando a dar nome a uma geração do romantismo brasileiro, seja por esse Hugo mutante e *pop* dos dias de hoje, nós não podemos negar a constante presença e a perenidade da criança sublime. Ele não foi Chateaubriand, tampouco foi um nada. Ele foi, no fim e na soma de todos os medos, amores, acertos e erros, tragédias e glórias, Victor Hugo, o primeiro – mas não o único, pois seus filhos são incontáveis. Ele foi Hugo, o que quase equivale a dizer que ele foi, no fim, tudo.

### **Bibliografia consultada**

HUGO, V. **Os trabalhadores do mar**. Tradução de Machado de Assis. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

LACRETELLE, J. de. et al. **Victor Hugo**. Paris: Hachette, 1991.

MAUROIS, A. **Victor Hugo**. Paris: Hachette, 1965.

TIEGHEM, P. V. **Victor Hugo: un génie sans frontières**. Paris: Larousse, 1985.

• • •

Sidney Barbosa e Márcio Roberto do Prado

**Resumo:** O presente texto constrói-se sob a forma de um devaneio poético para colocar lado a lado duas facetas do escritor francês Victor Hugo, no caso, sua atuação política na sociedade de sua época e os posicionamentos estéticos que assumiu como poeta e escritor. Visando estabelecer uma ponte entre ambas, este ensaio permite que se veja, no fim, a figura de uma personagem quase mítica, de estatura titânica, capaz de resumir em sua epopéia pessoal tanto o momento histórico em que viveu, quanto a excepcional contribuição literária que legou à posteridade.

**Palavras-chave:** Victor Hugo; História; literatura; gênio.

**Abstract:** This paper is built in the form of a poetic daydream to put side by side two features of the French writer Victor Hugo, that is, his political involvement in the society of his time and the aesthetic stances he assumed as a poet and writer. Trying to create a bridge between those two features, this essay allows that a figure of a quite mystic character be appreciated in the end, including his titanic prominence, capable of condensing in his personal epopee the historical moment he lived in as well as the exceptional literary contribution he has bequeathed.

**Keywords:** Victor Hugo; History; literature; genius.